



Vivências Plurais: 30 Anos do PET Psicologia UFRGS

Vitoria Abadie Moraes
Leonardo Régis de Paula
Jesse Rodriguez Cardoso
Amadeu de Oliveira Weinmann (Orgs.)

**VIVÊNCIAS PLURAIS:
30 anos do PET
Psicologia UFRGS**

Vitoria Abadie Moraes
Leonardo Régis de Paula
Jesse Rodriguez Cardoso
Amadeu de Oliveira Weinmann (Orgs.).

Forma Diagramação
2019

Copyright © 2019 by Vitoria Abadie Moraes, Leonardo Régis de Paula, Jesse Rodriguez Cardoso e Amadeu de Oliveira Weinmann (Orgs.).

Todos os direitos para o BRASIL e países de língua portuguesa reservados e protegidos pelas leis em vigor, em cada um deles, sobre DIREITOS AUTORAIS a Vitoria Abadie Moraes, Leonardo Régis de Paula, Jesse Rodriguez Cardoso e Amadeu de Oliveira Weinmann (Orgs.).

Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Arte final: Priscila Evangelista

Capa: pintura Grito da periferia, de Paulo Correa; montagem de Giulia Kuchta Stello.

Revisão: Priscila Evangelista

Diagramação e Produção Gráfica: Forma Diagramação
Contracapa: grafismo criado pelo coletivo organizador do VII Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI).

Impresso no BRASIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V857 Vivências plurais: 30 anos do PET Psicologia UFRGS. / Vitoria Abadie Moraes et al. (Orgs.) 1.ed. Porto Alegre: Forma Diagramação, 2019.

121 pgs. II. 16x23 cm

ISBN: 978-85-63229-23-6

1. Educação. 2. Educação tutorial. 3. Psicologia social. 4. Vivências e relatos. I. Título. II. Moraes, Vitoria Abadie. III. Paula, Leonardo Regis de. IV. Cardoso, Jesse Rodriguez V. Weinmann, Amadeu de Oliveira (Orgs.).

CDD: 374.1
CDU: 37:159.9

PREFÁCIO

Angelo Brandelli Costa

É com felicidade e responsabilidade que escrevo o prefácio para este livro. Integrei o PET Psicologia da UFRGS durante quatro anos enquanto estudante de graduação e por dois anos fui tutor do PET Psicologia da PUCRS. Foram anos definitivos na minha vida. O PET foi fundamental na minha formação enquanto psicólogo e enquanto pessoa.

Acredito que eu tenha sido convidado para essa escrita em razão da minha experiência nos “dois lados” do programa. É desta experiência que quero falar, pois é dali que o PET convoca-nos, da experiência singular enquanto sujeitos de um processo de construção de conhecimento. É também dessas experiências que o presente livro é construído.

O livro convoca-me a escrever quase que no meio de um caminho. Entre todas as pessoas que estiveram no programa antes de mim, cuja história de alguma maneira influenciou-me ontem e hoje, e de todos que vieram e ainda virão. Digo isso, pois, o PET é feito por diferentes mãos (e mentes) e este livro reflete isso.

Sinto nos textos reverberações de discussões que tínhamos nas primeiras reuniões que participei no grupo e de discussões que aconteciam antes da minha chegada. Como o currículo da Psicologia deve ser formatado para dar espaço para maior diversidade? Formar psicólogas/os para quem, como, para quem? Essa temporalidade inconstante é uma das forças do PET.

Até a minha entrada no PET, no primeiro ano da graduação, minha vivência em espaços escolares tinha sido aquilo que Paulo Freire denominou de educação bancária. Professoras/es transmitindo conhecimentos que deveriam ser arquivados pelas/

conformação de processo de cotas.

Assim como, para a universidade, a discussão sobre cotas e adequação de sua estrutura foi e está sendo longa e complexa, dentro do PET o processo não é mais simples. Vivencia-se, para a construção de um PET plural, o choque de classe, gênero e etnia, e o trabalho coletivo em dar respostas sobre a garantia da presença destes atores sociais.

Tentativa de garantia que ainda é expressada pela polarização da discussão em torno da inclusão ou integração. A integração diz respeito à relação de tornar-se parte de algo, quando, na realidade, para as populações historicamente excluídas, ocupar o espaço acadêmico, e também petiano, remete muitas vezes à necessária transformação desses espaços.

Mudança estrutural que possibilite a presença e a permanência desses estudantes na universidade. Do contrário, tratar-se-á de uma inclusão precária, na qual o estudante tem acesso, mas não pares em seus grupos; tem sua presença, mas não sua voz; tem ofertadas oportunidades, porém não condições. Por isso, também é importante pensar na permanência desses estudantes, algo que precisa ser mais debatido e aprimorado no programa.

Referências bibliográficas

FREITAS, Ana Elisa de Castro (Org.). **Intelectuais indígenas e a construção da universidade pluriétnica no Brasil**: povos indígenas e os novos contornos do Programa de Educação Tutorial / Conexão de Saberes. Rio de Janeiro: E-papers, 2015.

ENCRUZILHADAS DO ENSINO: REFLEXÕES SOBRE AS AÇÕES AFIRMATIVAS DE ACESSO À UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA¹

Alexandre Mossmann

Marcos Rafael de Oliveira Barbosa

Liana Netto Dolci

Daniele Pioli dos Santos

Gabriela Verrastro Brack

Amadeu de Oliveira Weinmann

Encruzilhadas do Ensino é o primeiro projeto do PET Psicologia UFRGS a dedicar-se ao trabalho com estudantes de uma escola pública de ensino médio. A iniciativa surgiu com a gradual alteração no perfil do grupo, transformado pelo crescimento do número de bolsistas ingressantes nessa universidade por meio da política de ações afirmativas.

A fim de contribuir para a expansão de tal política pública e incrementar a discussão sobre o acesso à universidade com estudantes da rede pública de ensino, o grupo procurou aproximar da universidade estudantes que nem mesmo tinham o ensino superior como um objetivo em suas vidas. Como resultado de suas

¹Artigo originalmente publicado em *Interagir: pensando a extensão*, n. 23, p. 156-167, jan./jun., 2017.

intervenções, o grupo viu o projeto funcionando como um dispositivo subjetivante, lançando os/as estudantes participantes na busca por novos horizontes.

Introdução

O Grupo PET (Programa de Educação Tutorial) Psicologia da UFRGS é composto por 12 estudantes da graduação em Psicologia de diferentes semestres e por um tutor, docente do mesmo curso. Os/as integrantes partem de diversas filiações teóricas, o que enriquece e diversifica o leque de atividades do grupo. Seu objetivo é desenvolver a aprendizagem tutorial e o trabalho coletivo, contribuindo para qualificar a formação em Psicologia com experiências que promovam a capacidade crítica, a autoria e o compromisso social.

O grupo é responsável pela organização e planejamento de diversas atividades que ocorrem paralelamente, sendo o *Encruzilhadas do Ensino* o primeiro projeto a dedicar-se a trabalhar com estudantes em uma escola de ensino médio pública. A proposta do Encruzilhadas surgiu no primeiro semestre de 2013, quando o grupo, ao refletir sobre os resultados da atividade realizada no UFRGS Portas Abertas (evento anual dessa universidade, que abre suas portas para que estudantes secundaristas conheçam os cursos que ela oferece) do curso de Psicologia daquele ano, constatou que a referente ação era quase que exclusivamente usufruída por alunos/as oriundos/as de escolas particulares de Porto Alegre e região metropolitana. Essa constatação despertou no grupo o anseio de expandir a relação da universidade com os estudantes do ensino médio de escolas públicas.

O trabalho com alunos/as do ensino médio do Colégio Estadual Padre Rambo, de Porto Alegre, surge como uma proposta de desnaturalizar o perfil do/a universitário/a. Percebemos que o perfil dominante deste/a aluno/a, no imaginário social brasileiro, afeta de maneira significativa o contorno no qual os/as estudantes do ensino médio inserem suas perspectivas de vida. O que chamamos de imaginário social, configura-se como o enunciado de uma prática discursiva embasada nas relações de saber-poder

historicamente constituídas em nossa sociedade e que, ainda hoje, atravessam as práticas de si, os modos como os sujeitos conduzem suas vidas.

“A universidade é para quem tem dinheiro e para quem é branco” (frase proferida por um aluno da escola). Este enunciado define o regime de verdade hegemônico no laço social contemporâneo, o qual orienta determinados processos de subjetivação:

Os processos de subjetivação [...] podem ser compreendidos a partir da análise da maneira como cada indivíduo se relaciona com o regime de verdades próprio a cada período, ou seja, a forma como o conjunto de regras que define cada sociedade é experienciado em cada trajetória de vida (NARDI; YATES, 2005, p. 96).

Mediante um recorte étnico e econômico, as ações afirmativas surgem com o intuito de possibilitar o acesso de minorias historicamente excluídas a lugares estratégicos, como a universidade pública. Essa é uma mudança significativa na política educacional brasileira, a qual foi conquistada com grande esforço pelos movimentos sociais.

Embora a consideremos um grande avanço, ainda é grande o número de críticas que essa recebe, inclusive daqueles/as que supostamente seriam beneficiados por ela. O principal argumento é de que tal prática é inconstitucional ou, pior, que dividirá ainda mais a sociedade brasileira. Nessa linha de raciocínio, a partir do esforço individual qualquer trajeto é possível.

Este é um discurso meritocrático e neoliberal, que também nega a existência de racismo no Brasil. Quase sempre os mesmos exemplos são utilizados para sustentar essa lógica: Barack Obama e Joaquim Barbosa, dois homens negros que nasceram pobres e conseguiram vencer na vida, sem benefícios de qualquer tipo.

Em um primeiro momento, encontramos falas como essas no trabalho com a escola. Com a perspectiva de desconstruir verdades historicamente construídas e que claramente favorecem determinado grupo social, buscamos problematizar esses discursos propondo aos/às estudantes uma reflexão acerca de suas histórias de vida e de suas famílias, de seus planos e suas dificuldades para torná-los realidade.

Cenário socioeconômico e familiar

Os/as alunos/as que acompanhamos no Colégio Estadual Padre Rambo – a grande maioria oriunda do bairro Lomba do Pinheiro e da Vila São José, localizados na periferia da cidade – sentiam necessidade de trabalhar desde cedo em suas vidas, restando apenas o turno da noite como possibilidade de continuar os estudos.

Em seus relatos, percebíamos que essa era uma dificuldade transgeracional. Seus pais, seus avós e demais ancestrais tiveram ainda menos condições de seguir a educação formal, sendo o diploma do ensino médio um título que poucos/as daquele meio social podiam ostentar. Portanto, finalizar o quanto antes os estudos e dedicar-se exclusivamente ao trabalho, como fizeram seus ancestrais, era praticamente a única opção que vislumbravam.

O estabelecimento de ensino também não tinha como prática falar das formas de acesso à universidade, o que contribuía para o desconhecimento dos/as alunos/as sobre as possibilidades desse ingresso. Essas condições acompanham a triste história brasileira de exclusão de muitos em benefício de poucos. O que lhes era oferecido pela cultura em que estavam imersos/as, que se constituía como regime de verdade e exercia-se como processo de subjetivação, era sempre o mesmo lugar à margem da sociedade.

Nesse trabalho de desconstrução, propomos um enlace entre a história do Brasil e o que essa implica suas vidas. O princípio da igualdade, previsto na Constituição Federal de 1988, que pressupõe que tratemos os desiguais na medida de suas desigualdades, fundamenta a existência das ações afirmativas. Certamente, a isonomia é um avanço, já que, até o surgimento da República, em 1889, os/as negros/as eram proibidos/as de frequentar as escolas.

Na Constituição de 1824, por exemplo, era garantido o acesso à escola a todos os cidadãos. Contudo, os/as negros/as não eram considerados/as cidadãos, o que, de maneira indireta, impossibilitava-lhes ocupar os espaços formais de aprendizagem. Essa proibição era mais evidente na Resolução Imperial nº 382, datada de 1º de julho de 1854, que determinava: “Art. 35 – Os professores receberão por seus discípulos todos os indivíduos, que, para aprenderem primeiras letras, lhe forem apresentados, exceto os cativos, e os afetados de moléstias contagiosas” (REIS, 2003).

Nos quinhentos e dezesseis anos de história do Brasil, trezentos e oitenta e oito foram de escravidão. Nosso país só está livre dessa ferida há cento e vinte e oito anos. O sangramento ainda não estancou, já que sabemos que os efeitos do racismo e da desigualdade social continuam a reverberar na vida da maior parte dos/as brasileiros/as, com seus efeitos econômicos entrelaçados aos subjetivos.

Em 2013, os negros e negras do Brasil – segundo dados do IBGE – tiveram uma renda média de R\$ 1.374, enquanto que a população branca teve um rendimento médio de R\$ 2.390. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), essas rendas só irão se equivaler no ano de 2040 (RODRIGUES, 2008).

Nos setores com menor remuneração, a maioria dos trabalhadores é negra. É o caso da agricultura (60,3%), da construção civil (57,9%) e dos serviços domésticos (59,1%). Com relação ao estudo, o percentual de negros/as entre 18 e 24 anos no ensino superior no ano de 2001 era de apenas 10,2%, enquanto que o percentual de brancos/as era de 39,6%.

Nos últimos dez anos, houve uma mudança significativa, mas ainda insuficiente. O percentual de estudantes negros/as nessa faixa etária passou para 35,8%, enquanto o de jovens brancos passou para 65,7%. Contudo, a distância entre essas duas populações continua sendo assustadora, configurando-se como um analisador para este trabalho.

Esse é o contexto em que se inserem os/as alunos/as das turmas de ensino médio do Colégio Padre Rambo, com quem o grupo PET Psicologia UFRGS trabalhou no *Encruzilhadas do Ensino*. Em meio a essas condições históricas e sociais, que fazem parte de sua história de vida e das gerações que os/as antecederam, esses/as alunos/as enfrentam também as mudanças características da adolescência.

O período do ensino médio coincide com essa etapa, que pode ser vista como um processo de transformação preparatório para a entrada na vida adulta, pautada principalmente por uma reestruturação das relações sociais e dos modos de compreensão do mundo. Tem início o processo de individuação, de separação do núcleo familiar, de descoberta de limites próprios, de questionamento dos valores e das normas familiares e de adesão

aos valores e normas do grupo de amigos (PRATTA; SANTOS, 2007).

O cenário social é relevante nessa fase de drásticas mudanças. Na adolescência, ocorre uma nova revivência do reconhecimento do eu e do outro nas relações socioafetivas. Essa revivência está muito ligada aos papéis sociais ligados ao trabalho. A partir desse momento, o indivíduo sofrerá mudanças significativas na esfera corporal, psíquica, relacional e social (FONSECA, 1980). A passagem da infância à adultez vem dando-se de novos modos, mediada pelo contexto histórico atual, onde transformações na estrutura e no funcionamento familiar refletem e, ao mesmo tempo, são base para mudanças culturais.

Considerada a unidade básica da interação social, a família modificou-se, gradualmente, de um modelo hierárquico, no qual o homem encarnava o papel de autoridade e a mulher a figura afetiva para um modelo de família igualitário, no qual os papéis são cada vez mais simétricos entre as figuras familiares de autoridade e onde os/as filhos/as têm mais espaço e voz nas decisões, numa dinâmica de reciprocidade e equivalência (STENGEL, 2011).

Importante lembrar, também, que a configuração familiar ampliou-se, desprendendo-se da configuração tradicional homem, mulher e filhos/as, para cada vez mais diversificar-se, incluindo, na concepção atual de família, casais homossexuais, uniões consensuais, famílias chefiadas por mulheres (ou monoparentais), famílias reconstituídas, entre outras configurações da contemporaneidade (PRATTA; SANTOS, 2007).

Nos/as alunos/as do Padre Rambo, percebemos que as questões relativas à organização familiar impactam de outra maneira. Na contramão do fenômeno social de adolescentização – protelamento da entrada no mundo adulto, em favor de experimentar o “sabor da vida” (MOTA, ROCHA, 2012; SAVIETTO, 2012) –, esses/as jovens sentem mais cedo a necessidade de colaborar com o sustento de sua família ou de se emancipar, sequer considerando ter acesso ao ensino superior.

Esses/as adolescentes são demandados/as a um amadurecimento precoce em relação a outros/as jovens, pelas diferenças sócio-históricas que consideramos anteriormente, o que traz outro ponto crucial para a nossa análise: o sentido do trabalho

para esses/as jovens.

O primeiro emprego traz inúmeras possibilidades, abrindo um novo período de vida, com novos projetos e planos futuros. Por meio da construção de uma identidade profissional específica, a perspectiva de futuro afirma-se através da realização de projetos profissionais, mas distancia o jovem de classe baixa da universidade.

Bustos (1998) postula que uma pessoa só consegue imaginar-se em papéis que estejam disponíveis no seu meio social. E, esses jovens, oriundos da periferia de Porto Alegre, têm pouco convívio com pessoas que tenham ensino superior completo, pessoas em quem possam inspirar-se e que tragam motivação para buscar a continuação do estudo formal. Dessa forma, é muito difícil que eles consigam imaginar-se como estudantes universitários, diminuindo seu leque de possibilidades. Esses estereótipos são reforçados pela sociedade como um todo, nas grandes mídias e na relação com o trabalho, sendo historicamente construídos e aceitos como únicos modos de vida acessíveis aos jovens de baixa renda.

Entendemos que a apropriação do mundo pelo sujeito é mediada por determinadas representações sociais. De acordo com Moscovici (*apud* SALLES, 1995), representações sociais são as afirmações que os indivíduos fazem sobre sua realidade, sendo um produto de determinações sócio-históricas e consistindo no processo de subjetivação do mundo.

Representação social também se define como uma atividade mental de reorganização e recriação do real pelos sujeitos. Em outras palavras, elas não consistem em um reflexo do meio em que se vive, mas são uma ativa construção mental do objeto e orientam a ação do sujeito. Os sistemas sociais de significação, ao serem interiorizados pelo indivíduo, ganham um sentido pessoal e, assim, individualizam-se. Dito de outro modo, são subjetivados.

Atualmente, os jovens estão inseridos em um contexto de rápido desenvolvimento tecnológico, no qual a instantaneidade permeia as relações humanas em uma sociedade de hiperconsumo. Dessa forma, esses aspectos exacerbam a exclusão social, tornando os adolescentes alvos do individualismo, além de banalizarem a violência e as condutas ilícitas.

Porém, acredita-se que os jovens não são meramente vítimas

do sistema. São agentes pensantes de seus próprios destinos. Partindo desse princípio, o trabalho feito junto às turmas do Colégio Padre Rambo possibilitou a reflexão sobre o meio em que esses/as estudantes estavam inseridos e em que medida isso afetava as suas vidas.

A partir dessa visão, trabalhamos com o conceito de empoderamento do sujeito, através do *Encruzilhadas do Ensino*. Acreditamos que esse empoderamento deu-se devido ao processo de subjetivação do qual fizeram parte, em sala de aula, com o grupo do PET, passando pela fala/escuta e pelo olhar do exterior. Também é uma forma de subjetivação e socialização a resistência, ou seja, o fato de os alunos perceberem-se como participantes de uma luta contra as formas de dominação atuais (étnica, social, etc.), que permeiam seu meio (MANSANO, 2009).

Encruzilhadas como um dispositivo subjetivante

Nos meses de outubro a dezembro de 2013, o PET Psicologia UFRGS começou a encontrar-se, quinzenalmente, com duas turmas de ensino médio do Colégio Estadual Padre Rambo: a 1L e a 2K, respectivamente do primeiro e segundo ano do ensino médio. Os encontros, que duravam cerca de 50 minutos, eram realizados em parceria com a professora Carol Cezar, titular da disciplina de filosofia.

Ao todo, foram realizados oito encontros, nesse período. Cinco desses ocorreram com a turma de segundo ano 2K e três com a turma de primeiro ano 1L. Os objetivos que orientaram o desenvolvimento da atividade foram: promover dispositivos para estimular o pensamento crítico em estudantes de ensino médio, disseminar a reflexão acerca de temas relacionados com a cidadania na atualidade e esclarecer as possibilidades de acesso à universidade.

Em 2014, o grupo deu continuidade ao projeto, acompanhando os/as alunos/as da turma 3K, oriundos/as da turma 2K. Nesse momento, a proposta foi dar ênfase ao importante ciclo da vida dos/as estudantes que se encerrava – o ensino médio – e lançar-se a pensar os sonhos e planos para os próximos anos. Para isso, buscamos conversar sobre os cursos e profissões com os

quais aqueles/as jovens identificavam-se, questionando-os sobre como gostariam de estar no futuro e instigando-os a amadurecerem seus sonhos. Aqui, o dispositivo entra como uma possibilidade, um gerador de diferença que transforma a realidade (BAREMBLITT, 2002).

As inserções do grupo, valorizadas pela presença de um ex-aluno daquela escola, mostraram que os/as estudantes de ensino público também têm aspirações, mas que, em sua realidade socioeconômica, por vezes não existe espaço – nem sequer esperança – para viabilizar esses desejos. A possibilidade de escuta dos/as estudantes como um dispositivo abriu muitos caminhos, deu voz e os/as empoderou, dando vazão a desejos que, por não terem reconhecimento ou espelhamento nos outros à sua volta, não eram legitimados (BARTHES, 1990).

Nos encontros de 2014, foram utilizados diferentes dispositivos que serviram de disparadores para a conversa. Entre esses, técnicas do Psicodrama, como jogos dramáticos e trabalhos em grupos, nos quais os estudantes tinham que criar um personagem que os representasse no futuro. O uso do referencial psicodramático deu-se pela potência deste em utilizar a realidade social dos envolvidos como material de trabalho, colocando os indivíduos como pertencentes a um meio e não como seres isolados, investigando vínculos e colocando-os em movimento na busca de atribuição de sentidos para sua condição (ROJAS-BERMÚDEZ, 1977).

Além disso, foram realizadas rodas de conversa onde compartilhamos com os/as estudantes como foi a trajetória de cada integrante do PET Psicologia UFRGS até a universidade. Com o intuito de aproximá-los/as do ambiente universitário, organizamos uma visita ao Instituto de Psicologia da UFRGS. Nesta, tivemos a parceria de outros grupos PETs e demais alunos da graduação em Psicologia, os quais dialogaram com os/as alunos/as do Colégio Padre Rambo acerca das peculiaridades dos seus respectivos cursos. Nessa ocasião, também contamos com a presença de um palestrante do curso pré-vestibular popular Resgate, responsável por difundir entre os/as alunos/as esse importante dispositivo.

Em 2015, continuamos a realizar o *Encruzilhadas do Ensino* com outras turmas do Colégio Padre Rambo. A partir das

experiências e resultados alcançados ao longo do projeto, sentimos a necessidade de expandir as atividades e, no segundo semestre de 2015, iniciamos as Oficinas Itinerantes, dispositivo que leva a outros estabelecimentos de ensino médio a discussão sobre as ações afirmativas e o acesso à universidade.

Considerações finais

A intervenção do PET Psicologia UFRGS no Colégio Padre Rambo, longe de impor um ideal a ser seguido – o imperativo: estude! –, buscou preservar as singularidades dos/as alunos/as, tendo como real objetivo desmistificar o imaginário de que ingressar em uma universidade e realizar um curso superior são tarefas impossíveis a eles/as.

A intenção desse trabalho foi criar possibilidades para que os/as estudantes pudessem perceber que, caso fosse seu desejo realizar um curso superior, há, sim, possibilidade para isso, pois a universidade – principalmente a pública, em tempos de ações afirmativas – não é um lugar apenas para as elites, mas também abre espaço para alunos/as oriundos/as da escola pública.

Sentimos o despertar dos/as alunos/as para realidades desconhecidas. Percebemos que, graças ao uso de dispositivos que variaram de acordo com o momento e as necessidades que as turmas expressavam, foram geradas inovações e possibilidades antes impensáveis na vida de muitos/as que tiveram a oportunidade de participar desse projeto.

A experiência obtida com o *Encruzilhadas do Ensino* propiciou-nos compreender melhor as representações sociais dos/as estudantes do ensino médio de escolas públicas, especificamente no que diz respeito ao acesso à universidade. O alto nível da reflexão dos/as alunos/as do Colégio Padre Rambo, acerca de suas potencialidades como adolescentes, estudantes e cidadãos, mostra que nosso objetivo de promover o desenvolvimento do pensamento crítico foi alcançado. Além disso, os/as alunos/as expandiram seu poder de autoanálise e ampliaram a busca de novos objetivos para o futuro, a partir de nossas discussões sobre seu espaço no mundo – profissional ou não.

Referências bibliográficas

BAREMBLITT, G. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes**: teoria e prática. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1990.

BUSTOS, D. Asas e raízes. In: HOLMES, P.; KARP, M.; WATSON, M. (Orgs.). **O Psicodrama após Moreno**: inovações na teoria e na prática. São Paulo: Ágora, 1998. p. 91-106.

FONSECA, J. **Psicodrama da loucura**: correlação entre Buber e Moreno. São Paulo: Ágora, 1980.

MANSANO, S. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, p. 110-117, 2009.

MOTA, C.; ROCHA, M. Adolescência e jovem adulta: crescimento pessoal, separação-indivuação e o jogo das relações. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 28, n. 3, p. 357-366, jul./set., 2012.

NARDI, H.; YATES, D. Transformações contemporâneas do trabalho e processos de subjetivação. **Estudos de psicologia**, v. 10, n. 1, p. 95-103, 2005.

PRATTA, E.; SANTOS, M. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em estudo**, v. 12, n. 2, p. 247-256, mai./ago., 2007.

REIS, F. Cultura escrita e a escravidão brasileira: algumas práticas e seu significado no século XIX. In: BARREIRA, L.; CARVALHO, M. (Orgs.). II Seminário sobre leitura, escola, história, 2003. **Anais...** Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/seminarios08.htm.

RODRIGUES, L. População negra supera a branca neste ano, mas renda só se equipara em 2040. **Folha de São Paulo [online]**, edição de 13 de agosto de 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2008/05/401394-populacao-negra-supera-branca-neste-ano-mas-renda-so-se-equipara-em-2040.shtml?mobile>.

ROJAS-BERMÚDEZ, J. **Introdução ao Psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

SALLES, L. A representação social do adolescente e da adolescência:

um estudo em escolas públicas. **Cadernos de pesquisa**, n. 94, p. 25-33, ago., 1995.

SAVIETTO, B. Juventude e família na contemporaneidade: um desamparo sem fim. **Gerais: revista interinstitucional de psicologia**, v. 5, n. 1, p. 23-35, jan./jun., 2012.

STENGEL, M. O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em revista**, v. 17, n. 3, p. 502-521, dez., 2011.

A UNIVERSIDADE COMO TERRITÓRIO INDÍGENA¹

Cassia P. Ribeiro

Rejane Nunes

Kanhgág tytäg fi vāsān rī ke han (Lute como uma mulher indígena)

Introdução

A voz indígena irrompeu, poderosa, no PET Psicologia UFRGS, enfrentando o colonialismo epistêmico, por meio da articulação entre o saber tradicional Kaingang e a reflexão acadêmica. Escutemos.

Ēg gufā ag jykre tar, jykre mág vy ēg kanhrunrān mū ty há ke kótī nī, ty ū ke tī nī (A potência da ancestralidade transformando o conhecimento)

Sou Cassia Ribeiro, Kaingang, mulher, mãe, trabalhadora, universitária e petiana. Natural do território indígena Guarita, em Tenente Portela/RS, atualmente moro na comunidade indígena fág Nhin (Lomba do Pinheiro), localizada na região de Porto Alegre. Meu nome na aldeia é Kutý. Pertenço à família Kajru das duas metades/dualidades tribais Kamé e Kajru pertencentes ao povo

¹ Título inspirado no II Encontro Regional dos Estudantes Indígenas da Região Sul (EREI-Sul), cujo tema foi "A universidade como território": <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/ii-encontro-regional-dos-estudantes-indigenas-discute-demarcacao>.